

**OS DESAFIOS NA BUSCA DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM  
SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: AS EXPERIÊNCIAS  
DOS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA  
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ DA CIDADE DE  
PARNAÍBA.**

Daniela Sousa dos Santos <sup>1</sup>

**RESUMO**

O artigo foi realizado através de uma pesquisa para compreender e analisar os motivos e as experiências de alunos que buscam conhecer e compreender a Libras, ainda no processo de formação no ensino superior. A pesquisa foi realizada através de um questionário aberto com cinco a seis perguntas, enviadas por um aplicativo de mensagem. Os resultados da pesquisa foram satisfatório pois há uma procura pelo conhecimento de Libras e existe uma conscientização sobre a necessidade de incluir um aluno surdo na escola, e para que haja essa inclusão os docentes precisam buscar a Libras como formação continuada para que no futuro possam está incluindo seus alunos.

**Palavras-chave:** Libras, Formação, Língua, Experiência, Pedagogia.

**INTRODUÇÃO**

A Língua Brasileira de Sinais conhecida popularmente como LIBRAS é uma língua que pertence a comunidade surda brasileira. Neste sentido a Língua Brasileira de Sinais não se trata de uma mímica ou gestos, trata-se de uma língua não universal, pois cada país possui sua própria língua de sinais com fatores históricos, sociais e regionais. Conforme ressalta Silva (2010, p.20):

São formas artísticas de expressão, elas não podem ser comparadas com a libras, que é uma língua gramaticalmente organizada. Não devemos, também, colocar a libras e os gestos na mesma categoria de análise, pois, apesar de ambos serem produções visuais, possuem natureza muito diferente. Os gestos são as expressões espontâneas das pessoas, são nossas expressividades naturais. Por exemplo, quando

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI [daniela96lsf@gmail.com](mailto:daniela96lsf@gmail.com);



colocamos a mão no rosto ou na cintura, cruzamos os braços, apertamos os dedos uns contra os outros ou passamos as mãos repetidas vezes no cabelo, estamos produzindo gestos. Diferentemente, para produzirmos a Libras, precisamos passar por um processo formal de aprendizagem, pois este sistema linguístico é abstrato e não faz parte da nossa expressividade natural- se assim fosse, todos seríamos falantes natos da Libras.

É válido ressaltar que a Língua Brasileira de Sinais é considerada autônoma e composta por uma gramática, semântica e outros elementos, que preenchem os requisitos que a consideram como instrumento linguístico. A Libras é reconhecida no Brasil através da lei 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto N°5.626/2005 como língua oficial do Brasil, neste mesmo decreto em seu artigo 3° cita a Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores, licenciaturas e cursos de Fonoaudiologia.

Uma das grandes lutas da comunidade surda é que a Libras seja ofertada desde a Educação Infantil, que seja utilizado o bilinguismo para os surdos ou seja a Libras para a comunicação e o Português para a escrita. Neste sentido a Língua Brasileira de Sinais é considerado como L1 primeira língua para os surdos e a língua portuguesa como segunda língua L2 e para os ouvintes é o inverso.

Entretanto o que acontece na realidade educacional é que surdos estão sendo moldados para se enquadrar na cultura ouvinte. O sujeito surdo ele possui uma cultura, uma língua, e é preciso que isso seja respeitado e valorizado. Segundo Strobel (2008, p.24) sobre a cultura surda:

É o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

Na opinião do autor pode se notar que a comunidade surda interage e se comunica através da Libras. E dessa forma com o auxílio da língua para se comunicar podem ser inclusos na sociedade.



Tendo em vista a grande necessidade dos ouvintes aprender sobre a Língua Brasileira de Sinais, para haver a inclusão e os direitos garantidos por lei, é notório observar que por mais que um decreto que regulamenta a inserção da Libras como disciplina exista, podemos observar que apenas uma matéria ofertada durante um semestre de uma graduação, não se torna suficiente para que o discente ao se formar e adentrar na escola seja capaz de manter uma comunicação com o surdo.

Essa realidade está relacionada a falta de profissionais capacitados na área, falta professores surdos formados, falta de insumos e incentivos para a formação de professores intérpretes como curso, concursos ou seletivo, falta um projeto educacional que determine uma inclusão de verdade dos alunos nas escolas, falta um trabalho mais elaborado da Libras dentro das instituições de ensino superior.

Neste caso a realidade da disciplina nas universidades está atrelada a dificuldade do aluno em aprender em teoria uma língua que requer pratica e contato com a comunidade surda, uma disciplina ofertada por exemplo, dois ou três dia na semana, que precisa de um tempo maior de prática, materiais didáticos em que os alunos possam praticar em casa.

O docente precisa sempre estar em busca de uma formação, pois a cada ano que passa vai surgindo novos desafios que podem dificultar o trabalho docente. É de extrema importância que o aluno busque por essa formação ainda dentro da graduação, pois conquista um amplo currículo, experiência e vivência.

Por mais que seja comum dentro da nossa realidade municipal, professores que procuram conhecer a Libras só depois de ter contato com um aluno surdo, ou quando existe um caso familiar e pessoal, ou até mesmo quando precisar cumprir uma carga horária complementar.

O tema escolhido do projeto tem a ver com uma experiência pessoal da autora ao buscar um curso básico em Libras durante o sétimo período da graduação, por identificar a dificuldade do professor na sala de aula regular e do interprete enquanto acompanhante do surdo.

Esses relatos foram ouvidos de uma colega de classe do curso de Pedagogia, que é intérprete e sempre relatou sobre os percalços e desafios encontrados pela mesma enquanto intérprete em uma escola pública, a mesma relata também a dificuldade do



professor na sala de aula em comunicar-se com seus alunos surdos por não saber nada relacionado a Libras.

O presente artigo é decorrente de uma pesquisa realizada para analisar e compreender os motivos e as experiências dos alunos que buscaram conhecer a Libras, ainda no seu processo de formação acadêmica, compreender como esse processo de conhecimento significou dentro da realidade da universidade, analisar com a pesquisa o que esse ensino refletiu em sua formação enquanto futuro profissional, compreender quais os impactos sociais e educacionais a Libras trouxe em sua prática pedagógica.

A princípio para realizar a pesquisa os alunos foram selecionados pelo critério de experiência. Ou seja alunos de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí campus Alexandre Alves de Oliveira, que já tenha realizado algum curso relacionado a Libras. Os alunos selecionados foram contatados por meio das redes sociais para participar da pesquisa.

Foram realizadas cinco perguntas, uma pergunta extra para conhecer a metodologia da Libras ofertada no nono período, para os alunos que já estavam no nono período ou alunos que se formaram recentemente, pois na grade curricular da instituição a Libras é ofertada apenas no nono período do curso de Pedagogia. Para os demais alunos dos outros períodos foram enviadas as cinco perguntas também voltada para a área da Libras. Objetivo geral da pesquisa é analisar os motivos que levaram a procurar um curso de Libras, analisar qual a relevância que a Libras teve em relação a sua formação, o que o ensino da Libras trouxe enquanto futuro docente e avaliar como se deu a prática da disciplina de Libras ofertada no curso.

Como estamos vivendo em um período de pandemia, então não foi possível realizar as entrevistas pessoalmente. Neste caso o instrumento de coleta de dados utilizado foi com um auxílio de um aplicativo de celular. As respostas foram enviadas, recebidas por meio de áudio, foram ouvidas e transcritas seguindo fielmente as respostas dos alunos.

Perguntas que nortearam os questionários:

- 1- Qual determinado período acadêmico você encontrou a necessidade de procurar conhecer a libras?
- 2- Você tem a Libras como uma prioridade na sua formação continuada? Explique.



3- Você procura participar de outros curso, eventos, congressos voltado para Libras?

4- O que essa experiência te trouxe enquanto estudante em formação acadêmica?

5- Qual o papel da Libras em sua formação enquanto futuro profissional da educação?

\*Pergunta extra: Na sua opinião com a disciplina de Libras que o curso oferece você estaria apta para atender um aluno surdo?

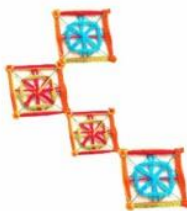
## **METODOLOGIA**

O instrumento de coleta de dados é de suma importância pois é necessária para se realizar uma pesquisa. É através da coleta de dados que o pesquisador obterá as respostas necessárias para prosseguir com a sua pesquisa. A forma de coleta de dados precisa ser pensada, planejada e elaborada, para que haja um resultado final esperado. O instrumento de coleta de dados utilizado neste artigo foi o uso de um questionário aberto, neste sentido foi realizado perguntas com respostas livres, ou seja, que as pessoas pudessem responder de forma espontânea e verdadeira. A pesquisa é de cunho qualitativa e quantitativa.

Esse tipo de questionário é ideal por oferecer subsídio real do universo da pesquisa. Para se elaborar um questionário (aberto ou fechado) é necessário ter um conhecimento da realidade do objeto pesquisado. O questionário possibilita uma praticidade quanto atingir um grupo maior de pessoas para a pesquisa, em um prazo mais curto em relação ao uma entrevista, por exemplo que seria feita com cada pessoa, pergunta por pergunta. Segundo Gil (1999, pág.128) pode-se definir "como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentada por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc."

Desta forma a opinião do autor traz a ideia que aplicando um questionário aberto, é possível ter uma resposta reflexiva e ter uma ideia melhor sobre a opinião e as experiências do objeto pesquisado. O questionário foi aplicado através de um aplicativo de mensagem, por questão de praticidade pelo fato de mandar e receber a resposta a qualquer hora pelo celular e pela questão de ser um aplicativo mais utilizado pelas pessoas, ou seja teria uma facilidade de diálogo melhor, além do aplicativo permitir enviar





áudios e baixar arquivos. Neste caso como as perguntas foram enviadas por um aplicativo, havia uma probabilidade de não retornarem as respostas então foi estabelecido um prazo determinado para o envio das respostas.

Esse instrumento de coleta foi pensado e utilizado, pois diante da situação em que vivemos não podemos estar em contato real entre o objeto de pesquisa, neste caso as tecnologias se tornam um grande aliado da pesquisa científica.

Cada participante teve acesso ao termo de confidencialidade digitalizado, para assinar e devolver o documento, como prova que os alunos não terão sua identidade em nenhum momento divulgado na pesquisa e de uma certa forma não será exposto e/ou identificado seus respectivos áudios de voz.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **5.1 Os desafios do professor na sala regular de ensino.**

A prática docente tem se tornado desafiadora a cada dia que passa. Surgem novas dificuldades e desafios e cabe ao professor buscar se atualizar cada vez mais para conseguir lidar com essas dificuldades que vão surgindo ao longo da vida profissional da educação. Porém diante deste fato infelizmente a inclusão da pessoa com deficiência está andando a passos lentos, pois não temos escolas com infraestrutura adequada, profissionais capacitados, algumas escolas nem sala de atendimento educacional especializado possuem ou estão praticamente fechadas.

Os alunos com deficiência especificamente os surdos, não estão sendo incluídos nas salas de aulas da forma que é pra ser, estão apenas sendo inseridos, o que são termos que se diferem um do outro. Ao mesmo tempo estão sendo formados com a língua materna dos ouvintes e não por sua própria língua que é a Libras. De acordo com Góes e Laplane(2007) ressaltam que:

Os surdos são afetados pelo desejo de um grupo, que pensa e decide sem levar em consideração as peculiaridades daqueles que não ouvem. Nesse sentido os surdos também são explorados e violentados em sua condição de surdez, e muitas vezes ficam privados de identificarem-se



como humanos, pela ausência de outros surdos na sua convivência cotidiana, a partir dos quais possam se reconhecer.

O que é comum nas escolas os alunos surdos acabarem sendo excluídos e se sentirem excluídos pois não há uma comunicação entre o surdo e os outros ouvintes. O papel do professor como mediador e inclusivo deveria ser acompanhado por um diálogo pelo menos básico de Libras, pois a comunicação é necessária para atender as necessidades do aluno surdo. O professor precisa desenvolver práticas inclusivas, utilizar materiais que atendam às necessidades dos alunos e que o mesmo busquem dinâmicas e atividades para incluí-los na sala de aula.

Infelizmente é comum o professor substituir o papel de mediador para o intérprete que acaba desenvolvendo o papel central do professor, e isso acarreta em uma exclusão pois o aluno está sendo atendido especificamente pelo intérprete. O papel do interprete é traduzir o português para a Libras e acompanhar o surdo em espaços públicos e privados. A lei de acessibilidade N°10.048/2000 garante aos surdos o acompanhamento de um tradutor interprete.

A sala de aula regular se torna um ambiente desafiador para o aluno surdo. O ambiente da sala, a linguagem, os materiais são voltados para os ouvintes, desta forma o aluno surdo se emolda ou é estimulado a se encaixar no mundo do ouvinte. Por lei o aluno surdo tem direito de frequentar a sala de atendimento educacional especializado, porém a (STROBEL,2011, p.3) questiona o seguinte” Cada vez mais, temos a certeza de que este modelo de inclusão que preconiza o Atendimento Educacional Especializado (AEE) em detrimento das escolas bilíngues para surdos possui problemas.

Como o aprendizado das crianças surdas pode ficar restrito ao atendimento no contra turno?” Desta forma o autor saliente que não é somente na sala de AEE que o aluno deve ter contato com sua língua materna, mas é na sala de aula, no dia a dia com os professores, colegas de classe, com a comunidade e toda a gestão escolar. A escola por disponibilizar uma sala de AEE não necessariamente está incluindo o aluno, precisa haver essa inclusão em toda a escola, infraestrutura, currículo, atividades, avaliações, reuniões, atividades extracurriculares, materiais etc.

Quando o professor não conhece sobre a Língua Brasileira de Sinais, sobre a comunidade e a história dos surdos, acabam gerando injustiças com os alunos. Um



exemplo é a questão das avaliações escolares os surdos são avaliados como se dominassem a Língua Portuguesa, não é levado em consideração a sua própria língua.

De acordo com o Decreto N°5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a lei 10.436 de 24 de Abril de 2002, em seu Art.14. 1º, Incisos VI e VII, garante que o aluno surdo seja avaliado pela Língua Portuguesa ou a Língua De Sinais Brasileira. Entretanto alunos surdos e ouvintes são avaliados da mesma forma.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram seis alunos selecionados apenas um não entregou e não justificou o porquê de não ter enviado, após recebidos os cinco áudios, foram ouvidos atentamente e transcritos na própria pesquisa. Os alunos não serão identificados com seus respectivos nomes pois assinaram o termo de confidencialidade. Cada resposta citada na pesquisa será identificada por o nome "estudante" seguido por o número do período que está no curso de Pedagogia. Será registrada apenas uma resposta de cada aluno.

A primeira resposta está relacionada aos motivos que levaram o aluno a buscar conhecer a Libras e qual determinado período do curso surgiu esse interesse.

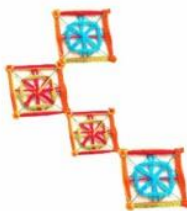
- Estudante 5ºperíodo:

"Na verdade eu já gostava muito da libras, não conheci na UESPI mas foi a partir de um seminário fornecido em um minicurso de libras na educação infantil, promovido pelo Helen Keller que eu tive vamos dizer o primeiro contato. Eu sempre gostei da libras mas era mais como admiração, sempre tive vontade de praticar, mas eu nunca tive uma oportunidade. Então foi nesse minicurso [...] A primeira oportunidade de realmente conhecer a libras na prática e me deu uma vontade de aprofundar mais nela."

Diante do depoimento do aluno é notório observar que é importante essa interação e o contato com a comunidade surda dentro das instituições educativas. Ou seja ter oportunidade de participar de cursos, congressos, eventos que envolvam o aluno da graduação a compreender a importância e a necessidade de conhecer a Libras.

A segunda resposta está relacionada a visão que o aluno tem em relação a importância da Libras, ou seja se ele percebe que a Libras é ou não uma prioridade de uma formação acadêmica presente ou até no futuramente em sua vida profissional.





- Estudante do 4º período:

" Sim. Porque eu acho que é essencial que as pessoas surdas sejam incluídas na sociedade, eu vejo que elas não participam, é como se elas fossem marginalizadas, fora do meio social principalmente dentro da escola você encontra alunos com deficiência auditiva e os professores que não tem essa formação, que não tem essa experiência acaba terminando excluir aquele aluno, então eu acho extremamente importante que os professores sejam preparados para acolher aquele aluno e não apenas para aqueles alunos considerados normais."

Diante da fala do aluno, é necessário refletir sobre a importância da Libras na formação continuada dos docentes, o professor precisa estar em constante formação e se atualizando com informações novas que surgem no meio educativo. Exemplo disse, é que um dia pode ser que tenha um aluno surdo, e porventura acabar excluindo esse aluno, por não ter conhecimento em Libras.

A terceira pergunta está relacionada, se o aluno costuma participar de eventos, congressos, cursos voltados para a Libras.

- Estudante do 8º período:

"Sim eu já participei de mais de um curso voltado para a libras, desde o período que conheci até agora."

A Libras é um conhecimento prático, a teoria é necessária porém a prática é fundamental. Nesse caso quando uma pessoa busca conhecer a Libras, ela precisa estar diariamente exercitando a prática para não cair no esquecimento. Até porque a Libras ela possui regionalismo, fatores sociais e históricos que podem estar atualizando novos sinais, assim como uma palavra da Língua Portuguesa que pode sofrer alterações com o tempo.

A quarta pergunta está relacionada ao que o ensino da Libras trouxe para o aluno ainda em formação acadêmica, o que essa língua proporcionou enquanto questões dentro da própria universidade, por exemplo palestras, cursos avançados, estágios curriculares ou extracurriculares ou até mesmo o contato com a comunidade surda dentro e fora do ambiente da Universidade.

A quinta resposta tem a ver com o olhar do aluno frente ao futuro profissional em relação ao ensino da Libras, se ele percebe a importância e a necessidade de se aprender uma língua para que no futuro ele possa estar se comunicando com um aluno surdo. Para que em um futuro próximo exista a inclusão do aluno surdo, não só o professor



poder se comunicar, como os colegas, a gestão escolar, comunidade, e que não dependam inteiramente do interprete.

- Estudante do 8º período:

“Tem o papel primordial, ei pretendo me especializar em Libras, talvez em um mestrado. Dar aulas em Libras porque eu vejo que a demanda[...]eu vejo que muitos profissionais da educação básica estejam ali em formação, eu vejo que muitos profissionais só aprendem entre si [...] a professora do curso ela encucava em nossa cabeça que é importante a gente além de aprender, ter esse contato com a comunidade surda e foi uma coisa que eu pequei muito, quando eu terminei meu curso né eu não tive esse contato com a comunidade. [...] eu quero muito que é isso né que eu consiga deixar de lado, esteja de forma frequente contato com a comunidade[...]quero ser uma docente em Libras.”

A resposta extra feita para uma estudante que se formou recentemente e vivenciou a disciplina de Libras no nono período do curso de Pedagogia. A resposta buscou analisar como é a metodologia da disciplina de Libras na Universidade e como os alunos vivenciam essa pratica.

- Estudante formada no curso de Pedagogia.

“Bom é na disciplina de Libras oferecida pelo curso superior na universidade ainda eu não me senti apta de forma alguma saindo do curso superior para atender a pessoa surda de jeito nenhum. A gente não aprendeu nada na pratica somente teoria, e uma coisa muito ultrapassada e a libras ela não é feita de teoria, ela é feita de pratica você pode saber tudo da teoria se você não tiver a pratica você não sabe libras.”

Podemos observar que a disciplina garantida por lei nas universidades, elas não implicam uma certa fluência que os docentes precisariam para se comunicar com um aluno, familiar ou até um colega de trabalho surdo por exemplo. Os cursos eles oferecem isso como uma formação continuada em que os professores buscam aprimorar fora do curso superior, e incentivar e ter essa experiência vivida ainda dentro da universidade é essencial pois o aluno além de esta se aperfeiçoando com uma segunda língua, está se adequando ao processo de inclusão na sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**



Conclui-se que com essa pesquisa, existe uma procura de alunos da graduação buscando conhecer a Libras, conscientizando-se que é importante principalmente na área da educação. Levando em consideração a necessidade de mais pessoas a conhecer a Libras para que no futuro exista uma inclusão. Foi importante destacar também na pesquisa a necessidade de novas práticas metodológicas da disciplina de na universidade, que seja uma disciplina que possa não deixar um aluno fluente, até porque na universidade tem trabalhos, estágios, etc. que acabam dividindo a atenção dos discentes. Entretanto precisa ser uma disciplina que incentiva o aluno a aperfeiçoar a Língua de Sinais como formação continuada.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. **Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em educação.**São Carlos SP: UFSCar, v. 1, n. 1, p.119-131.

APPOLINARIO, Fabio. **Dicionário de Metodologia Científica.**2. ed. São Paulo:Atlas,2011.p.295-147.

BRAZIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.

ed. Petrópolis, Vozes, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa.**5.ed.São Paulo:Atlas,2010,p.26.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.**5. ed. São Paulo:Atlas.1999. p.42.

GÓES, M. C. R. de, LAPLANE, A. L. F. de. Políticas e Práticas de Educação Inclusiva. 2. ed. Campinas. 2007.

INSTRUÇÃO nº003 de 7 de fevereiro de 2012. Secretaria de Estado da Educação.- SEED/SUED, MEC, 2012. Superintendência da Educação. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm)>. Acesso em 11/08/2012.

GIL, Antônio Carlos. **Metodos e Técnicas de Pesquisa Social.**5.ed.Sao Paulo:Atlas,1999.



LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo:EPU,1986.p.17.

MINAYO, M.C.S(Org).**Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petropolis:Vozes,2001. p.44.

MOURA,M.C.de. O surdo:caminhos para uma nova indentidade. Rio de Janeiro:Revinter,2000.

RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA Maria Margarida Cavalcante (Orgs). **Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas.** Brasília:Liber livros editora,2006. p.175.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica: completo e essencial para a vida universitária.** [S.I]: Avercamp,2006. p.19.

SILVA,L.da.Lingua Brasileira de Sinais-LIBRAS.Curitiba:Editora Fael,2010.

STROBEL,K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis.Editora UFSC.2008.

SKLIAR,C. A surdez:um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação,1998.

YIN,R.**Estudo de caso planejamento e métodos.** Porto Alegre:Bookman.2005.p.32.

SPINDOLA,T.,Santos,R.S.(2003).**Trabalhando com história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?):**revista enfermagem USP.vol.37(2),p.120.

TRIVINOS,A.N.S. **Introdução á pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo:Atlas,1987.p.152.